

Pentecostalismo(s) e semântica

A iliteracia religiosa geral leva o grande público a “meter tudo no mesmo saco”. Mas quem estuda estes fenómenos sabe da enorme variedade de correntes confessionais que se pretendem incluir no conceito

Nos anos noventa Ricardo Mariano¹, sociólogo da USP, gizou o termo neopentecostalismo, a nosso ver de forma inexacta por diversas razões. Daí para cá o dito segmento religioso neopentecostal complexificou-se de tal modo que duvido que o mesmo Mariano o nomeasse hoje da mesma forma.

Note-se que boa parte das referidas confissões religiosas surgiram como resultado de dissidência a partir de igrejas pentecostais anteriormente estabelecidas, por recurso à “tríade cura, exorcismo e prosperidade” como bem identifica Magali Cunha², que tem estudado o fenómeno. Depois ainda há lugar para nichos do mercado religioso como “as chamadas tribos evangélicas, movimentos underground, movimentos de juventude, movimentos de população LGBT das igrejas inclusivas”, entre outros.

A verdade é que de pentecostal o neopentecostalismo tem muito pouco ou nada, pelo que a classificação não conjuga com a identificação. Não se trata de novas igrejas pentecostais, mas sim de um segmento religioso novo, de matriz sincrética, bem ao estilo brasileiro.

¹ Ricardo Mariano é doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP. Realiza pesquisas na área de sociologia da religião. É autor de Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.

² Jornalista e doutora em Ciências da Comunicação. É pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER) e colaboradora do Conselho Mundial de Igrejas.

De facto, os grupos neopentecostais são estranhos ao pentecostalismo clássico, tanto na doutrina e na praxis como na liturgia, tanto no discurso como no estilo de liderança, para já não falar da transparência e ética pessoal. Mas os grupos neopentecostais nem sequer se podem considerar evangélicos, apesar da falta de rigor analítico da comunicação social e mesmo do meio religioso. As igrejas evangélicas têm bases de fé comuns, apesar da identidade histórica e da diversidade nas marcas distintivas entre elas, que não se conjugam com os princípios doutrinários do neopentecostalismo.

Note-se que em Portugal os neopentecostais nunca foram aceites como membros da Aliança Evangélica Portuguesa (AEP), e bem. Por essa razão o grupo neopentecostal mais antigo, a Igreja Universal do Reino de Deus, de Edir Macedo, atraiu grupos idênticos de menor dimensão e chegou a fundar uma federação de igrejas, uma espécie de alternativa que concorresse com a AEP, mas o projecto era artificial demais e por isso morreu.

Os neopentecostais nem sequer se podem classificar como herdeiros da Reforma protestante, por razões idênticas, ou até mesmo identificar como cristãos, quando misturam cristianismo, espiritismo e ocultismo. Basta ouvir a sua propaganda. Como afirma o especialista em Ciências da Religião Sílvio Murilo M. de Azevedo³, “já estamos atravessando a linha que separa o Cristianismo do que já não é cristão.”

Mas de onde vem então a confusão? Por um lado parte de inúmeros grupos de tradição pentecostal que se deixaram iludir pelo aparente sucesso do neopentecostalismo, começando a imitar o seu discurso e práticas.

E quanto à confusão semântica? Creio ser responsabilidade inicial do teólogo americano Peter Wagner⁴ que gizou a teoria das Três Ondas do

³ Ver artigo “Pentecostais e protestantes no mercado e na mídia do Brasil contemporâneo”, neste Número.

⁴ Charles Peter Wagner (1930-2016) foi um teólogo norte-americano que criou o termo “Terceira Onda” para se referir às igrejas neopentecostais.

pentecostalismo, mais tarde redefinida pelo professor Paul Freston⁵. A primeira seria o chamado pentecostalismo histórico dos inícios do século passado, a segunda onda seria a das igrejas denominadas carismáticas e as pentecostais surgidas por volta de meados do século, com pequenas *nuances* doutrinárias relativamente às confissões da primeira, e a terceira onda era então a dos grupos neopentecostais.

Na verdade é de rejeitar qualquer teoria que identifique este fenómeno religioso com o ramo pentecostal do cristianismo, por abusivo. Trata-se dum fenómeno estruturalmente diferenciado, fluido e em constante reformulação, pelo que é de sublinhar o pensamento de Magali Cunha quando afirma que o termo neopentecostal é cada vez mais inadequado pela confusão que provoca: “a categoria neopentecostal já não serve como categoria explicativa, em primeiro lugar, por causa da diversidade do mundo evangélico a partir dos anos 2000. Em segundo lugar, pelo termo ser usado de forma incorreta, associando neopentecostal ao ultraconservadorismo, ao fundamentalismo.”

6

Com efeito, e ainda segundo a jornalista e pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião, “o termo neopentecostal passou a ser usado como sinónimo dos grupos evangélicos conservadores nas pautas da moralidade sexual, dos ataques às esquerdas, aos movimentos feminista, LGBT e às comunidades tradicionais. E, como consequência, todas as igrejas desses novos pentecostalismos acabaram recebendo esse mesmo rótulo.”

Entretanto, e devido à complexidade dinâmica do fenómeno, os investigadores do campo religioso vão ensaiando novas classificações tipológicas.

...

⁵ Professor catedrático (CIGI Chair in Religion and Politics in Global Context) na Balsillie School of International Affairs e na Wilfrid Laurier University, Waterloo, Ontário, Canadá.

Este número da AD AETERNUM é dedicado à temática geral do(s) “Pentecostalismo(s)”. Assim como há quem defenda não ter existido apenas uma Reforma protestante mas várias, também o espectro religioso pentecostal, que conta com mais de 120 anos de existência, se apresenta sem uniformidade no chamado mercado religioso e distribuído hoje por múltiplas formas e representações.

Nesta edição o Prof. Sílvio Murilo M. de Azevedo faz uma análise exaustiva do pentecostalismo (e também do protestantismo em geral) na complexa realidade do país irmão, com o artigo “Pentecostais e protestantes no mercado e na mídia do Brasil contemporâneo”, prestando assim um valioso contributo para a fixação de doutrina sobre os diversos segmentos que compõem o campo religioso daquele país.

Vítor Rafael fala-nos depois no fenómeno do populismo religioso que vem ganhando espaço no universo cristão, e provocando uma espécie de curto-circuito entre a praxis comum e as respectivas bandeiras discursivas dos líderes religiosos populistas e a realidade do Evangelho, no artigo “As igrejas cristãs e o fenómeno do populismo na Europa: o rosto de um cristianismo ambíguo”.

O texto “ICMAV: um fenómeno pentecostal contemporâneo em Portugal” apresenta um estudo de caso de Carlos Alberto Rodrigues de Oliveira & Raquel Maria Nunes Rodrigues de Oliveira, sobre uma comunidade religiosa portuguesa de tradição pentecostal.

O Prof. Porfírio Pinto enriquece este número da revista com um interessante artigo sobre “A violência nos escritos bíblicos (II): em torno do conceito de hamas”, onde aborda a velha questão da violência presente no Antigo Testamento, e que tanta perplexidade tem provocado ao longo da história da fé cristã.

Margarida Macedo assina um trabalho muito interessante relacionando a Programação neurolinguística (PNL) com as características do discurso de Jesus

Cristo no encontro com algumas figuras do Novo Testamento – “Metáforas terapêuticas: seria Jesus um contador de histórias terapêuticas?” – no qual defende a tese de que algumas figuras de estilo utilizadas pelo Mestre da Galileia, como as metáforas, teriam, afinal, uma insuspeitada finalidade terapêutica.

Finalmente esta edição da AD AETERNUM conclui-se com uma reflexão, diríamos mesmo, uma espécie de desafio pelo qual o Prof. José Brissos-Lino apela à necessidade e premência de a Europa se libertar de influências externas. Em “Pela (re)construção duma teologia europeia contemporânea num mundo global” propõe-se cortar as amarras e construir uma teologia verdadeiramente continental e contemporânea.

Todos estes textos procedem de um amplo estudo e resultam de investigação teológica do campo religioso, apresentando-se como propostas para uma reflexão que se deseja o mais alargada possível.

A revista respeita tanto a grafia adoptada por cada um dos autores que escreveu na língua portuguesa, anterior ou posterior ao AO/90, assim como os textos vertidos na forma europeia ou do Brasil.